

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
CENTRO DE TECNOLOGIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

Lurdes de Fátima Gazola

**LETRAMENTO DIGITAL: A TECNOLOGIA COMO ALIADA NAS
CLASSES DE ALFABETIZAÇÃO**

Três Passos, RS
2017

Lurdes de Fátima Gazola

**LETRAMENTO DIGITAL: A TECNOLOGIA COMO ALIADA NAS CLASSES DE
ALFABETIZAÇÃO**

Artigo de conclusão de curso apresentado ao curso de Especialização em Mídias na Educação (EaD), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Mídias na Educação.**

Orientadora: Adriana Soares Pereira

Três Passos, RS
2017

Lurdes de Fátima Gazola

**LETRAMENTO DIGITAL: A TECNOLOGIA COMO ALIADA NAS CLASSES DE
ALFABETIZAÇÃO**

Artigo de conclusão de curso apresentado ao curso de Especialização em Mídias na Educação (EaD), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Mídias na Educação.**

Aprovado em 27 de outubro de 2017

Adriana Soares Pereira, Dra. (UFSM)
(Presidente/orientadora)

Catherine de Lima Barchet, Ms. (UFSM)

Sylvio André Garcia Vieira, Ms. (UFSM)

Três Passos, RS
2017

LETRAMENTO DIGITAL: A TECNOLOGIA COMO ALIADA NAS CLASSES DE ALFABETIZAÇÃO¹

DIGITAL LETTERING: THE TECHNOLOGY AS ALLIED IN CLASSES OF LITERACY

Lurdes de Fátima Gazola²

Adriana Soares Pereira³

RESUMO

Evidentemente, o ato de alfabetizar não se restringe à codificação e decodificação de sinais, tão pouco à mecanização dessas habilidades. Refere-se, sobretudo, à aprendizagem de habilidades para a leitura, escrita e outras práticas linguísticas. Reconhecendo a importância desse processo (a alfabetização) e considerando que, na contemporaneidade, as tecnologias têm gerado novas formas de organização e produção do discurso, o presente trabalho analisa as dificuldades, avanços e desafios do processo de alfabetização em contextos digitais, com base numa pesquisa de campo realizada com Professoras Alfabetizadoras da 20ª coordenadoria. O referencial teórico do trabalho concilia os pressupostos de Ferreiro, Frade, Lévy, Tfouni e outros sobre leitura, escrita e alfabetização, buscando ganchos com a Era Digital de Palfrey. Por meio de uma metodologia explicativa, com abordagem qualitativa, o artigo apresenta uma discussão acerca das práticas hodiernas de alfabetização e argumenta que, apesar de algumas dificuldades enfrentadas no contexto escolar, as tecnologias digitais podem exercer um importante papel no processo de aprendizagem da escrita.

DESCRITORES: Alfabetização; Letramento; Crianças Digitais.

ABSTRACT

Of course, the act of literacy is not restricted to the codification and decoding of signals, but to the mechanization of these skills. It refers above all to the learning of reading, writing and other language skills. Recognizing the importance of this process (literacy) and considering that, in the present time, technologies have generated new forms of organization and discourse production, the present work analyzes the difficulties, advances and challenges of the literacy process in digital contexts, with Based on a field research carried out with Literacy Teachers of the 20th Coordination. The theoretical reference of the work reconciles the assumptions of Ferreiro, Frade, Lévy, Tfouni and others on reading, writing and literacy, searching for hooks with the Digital Age of Palfrey. Through an explanatory methodology with a qualitative approach, the article presents a discussion about current literacy practices and argues that, despite some difficulties faced in the school context, digital technologies can play an important role in the learning process of writing.

KEYWORDS: Literacy; Literature; Digital Children.

¹Artigo apresentado ao Curso de Mídias na Educação da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Mídias na Educação.

² Aluna do Curso de Especialização em Mídias na Educação da Universidade Federal de Santa Maria.

³ Professora Orientadora, Doutora, Universidade Federal de Santa Maria.

1 INTRODUÇÃO

A inserção das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (doravante TIC's) no cotidiano das sociedades atuais vem transformando radicalmente diversos de seus setores, modificando formas de pensar, de comunicar e de entender o processo de ensino aprendizagem.

O objeto de pesquisa aqui selecionado encontra relevância ao oferecer respaldo teórico-científico aos que estão dispostos a discutir a questão da inclusão digital de crianças na fase de alfabetização, com as professoras alfabetizadoras. Assim parte-se de uma perspectiva voltada para o desenvolvimento de um processo contínuo e prazeroso, no que se refere à construção das habilidades de leitura e escrita dos pequenos, minimizando ou levantando possibilidades para superação do problema do fracasso escolar.

As escolas da atualidade pressupõem o letramento e alfabetização da criança através do contato com uma gama variada de portadores de texto, com destaque especial aos livros de Literatura Infantil, hoje disponibilizado amplamente pela Internet. A criança, ao ficar inserida nesse contexto, amplia seu mundo letrado rico em significados, desenvolvendo-se como cidadão participativo, mais autônomo e mais consciente dos seus direitos e deveres realizando melhor leitura do mundo que a cerca.

Ao entrar em contato com o universo dos contos de fadas, que segundo BETTELHEIN (2002, p.12) oferece níveis distintos de significado, a criança enriquece sua existência pela diversidade das contribuições possibilitadas por esses contos à sua vida. Ela vai construindo o seu conhecimento da linguagem escrita de maneira prazerosa e interessante, além de atingir os objetivos pedagógicos da alfabetização e letramento.

De acordo com VALENTE (2011, p.130), com o computador e a tecnologia digital o aluno interage com os objetos de conhecimento de maneira mais rica. Cabe ao professor, como mediador desse processo, apropriar-se definitivamente destas ferramentas e mecanismos, que são as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC), para que o aluno usufrua da diversidade textual contida nas telas, ampliando com isso suas possibilidades de escolhas.

Enquanto mais rico for o meio vivido pela criança (estimulações e recursos), maior será o seu desenvolvimento, cabendo à escola, principalmente das classes populares, fornecer esses recursos, como sendo a única oportunidade de a criança ter contato com essa tecnologia de uma maneira sistemática, como citado por VALENTE (2011).

A relevância política desse trabalho recai no fato de poder discutir a oferta dessa tecnologia na escola, como sendo o primeiro espaço e oportunidade de participação efetiva da população mais desfavorecida na cybercultura. Considerando a escola como direito de todos, ela tem papel fundamental no que se refere à inclusão digital, beneficiando dessa forma a sociedade como um todo. Uma vez que, estas experiências enriquecedoras varia muito de criança a criança de acordo com seu ambiente social, tornam-se bastante decisiva em seu processo de apropriação do sistema de leitura e escrita.

Por outro lado, esse trabalho tem uma relevância pedagógica, ao estimular a motivação para que alunos e professores usem ferramentas atualizadas e mecanismos de comunicação globalizados na busca e troca de informações.

MORAN (2000, p.50) defende esses pressupostos ao afirmar que:

É preciso educar para usos democráticos, mais progressistas e participativos das tecnologias, que facilitem a evolução dos indivíduos. Quando a criança chega à escola os processos fundamentais de aprendizagens já estão desenvolvidos de forma significativa. Urge também a educação para as mídias, para compreendê-las, criticá-las e utilizá-las de forma mais abrangente possível. (MORAN, 2000, p.50)

Essas ferramentas mediadas pelo educador tornar-se-ão mais eficazes na mesma medida que possibilitarem que o sucesso da aprendizagem escolar se efetive. Essa proposta de estudo pretende responder às seguintes questões consideradas fundamentais nas observações e análises a serem realizadas:

- Como as Tecnologias Digitais poderão promover a alfabetização e o letramento de crianças entre 6 e 7 anos de idade, em Escolas de Ensino Fundamental, da Rede Municipal e Estadual de Pinheirinho do Vale?

- De que forma as histórias infantis do mundo virtual poderão tornar-se recursos facilitadores e estimuladores do processo de memorização, análise, síntese e reconstrução de estruturas textuais mais elaboradas, contribuindo sobremaneira com a apropriação desses conhecimentos pelas crianças nas suas diferentes fases de Alfabetização e Letramento?

- Quais os avanços e desafios e posturas pedagógicas que precisam fazer parte da rotina dos educadores no processo de aquisição da leitura e escrita destes alunos digitais.

O uso dos diversificados contos de fadas da literatura infantil associado aos recursos tecnológicos e potencializado pela mediação e intervenção do professor poderá promover, com sucesso, a alfabetização e o letramento de crianças com 6 e/ou 7 anos de idade.

Durante décadas vem se buscando culpados para o fracasso escolar das crianças, principalmente das classes populares. Ora os culpados são os professores, ora o próprio aluno, ora o sistema de ensino. É chegado o momento da busca para que grande parte das crianças que ingressam na escola, dela não saia nas mesmas condições, ou seja, sem o domínio e o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita.

Segundo PRIMO (2007) torna-se imperativa a vivência de práticas sociais de leitura e escrita na escola por meio de diversificados portadores de texto. Essa necessidade apoia-se na hipótese de que o caminho de construção do conhecimento pode tornar-se muito mais atraente e interessante, se mediado pelas NTIC, que o viabilizam ora pela produção textual, ora por meio de gravações em áudio e vídeo, ora por meio de filmagens, animações e tantos outros derivados.

O tempo e os resultados colhidos do investimento na pesquisa pedagógica – tematização e teorização da prática alfabetizadora – poderão confirmar que a inserção tecnológica encontrará significado e a razão de ser na sua inclusão social e desse encontro poderá resultar o sucesso desses alfabetizando.

Visando avaliar as possíveis vantagens da utilização de mídias orientadas na fase de alfabetização, visando discutir aspectos teóricos da inserção do computador como apoio no fazer pedagógico, utilizando programas como recursos pedagógicos. Destacando mecanismos que possam propiciar o desenvolvimento do letramento e alfabetização, favorecendo a construção de habilidades e atitudes, aumentando as possibilidades de pesquisar, escolher, situar informação criar e participar, dilatando os espaços dos ambientes de aprendizagem e ampliando as oportunidades de manuseio de mídia.

O presente trabalho visa relatar a (re)elaboração de uma proposta pedagógica em alfabetização, que utilize as mídias como fonte de pesquisa e meios para abordar conteúdos que favoreçam a apropriação da leitura e escrita, através de

entrevista entre educadores que desenvolvam suas atividades no processo de alfabetização.

2 CRIANÇAS DA ERA DIGITAL

Atualmente a era digital transformou o modo como as pessoas vivem e se relacionam umas com as outras e com o mundo que as cerca.

As pessoas se enquadram em vários grupos em relação a essas tecnologias, como: Os colonizadores Digitais- adultos que acompanharam este processo apesar de crescerem num ambiente analógico. Outros estão menos familiarizados com esse ambiente, os Imigrantes Digitais, que aprenderam tarde a mandar e-mail e usar as redes sociais.

No entanto, tem aqueles que nasceram digitais não viveram em um mundo onde as cartas eram datilografadas e enviadas, muito menos escritas a mão, nem a operar um walkman Sony, LPs, ou cartuchos de fitas. Eles usam fones de ouvido ipod e passam grande parte da vida online. São unidos por um conjunto de práticas comuns, incluindo a quantidade de tempo que passam usando tecnologias digitais.

Os nativos digitais tem tendência a multitarefas, se expressam e se relacionam com o outro mediado pelas tecnologias digitais.

Para estes jovens, as novas tecnologias digitais- computadores, telefones celulares, sidekicks- são os principais mediadores das conexões humanos-com-humanos. Eles criam uma rede 24/7 que mistura o humano com o técnico em um grau que nunca experimentamos antes e que está transformando os relacionamentos humanos de maneira fundamental. Eles são completamente naturais na maneira de levar a vida, tanto nos espaços online tanto nos espaços off-line. Não pensam em suas vidas híbridas como algo notável. Os nativos digitais não conheceram nada além de uma vida conectada a outro e ao mundo dos bits desta maneira. (PALFREY, John, 2011, p.14).

Como se percebe, os nativos digitais estão constantemente conectados, tem muitos amigos e mesmo enquanto dormem suas conexões são realizadas online e ficam arquivadas para eles as encontrarem a cada novo dia quando despertam, conversam, trocam fotos com amigos do mundo todo.

Os nativos digitais encaram a amizade diferente de seus pais e estas são baseadas pelos interesses compartilhados, interação frequente, porém são passageiras, fáceis de começar e fáceis de acabar, mas também podem ser duradoura. Mas também se relacionam com as informações de maneira diferente.

Os nativos digitais são extremamente criativos. É impossível dizer se são mais ou menos criativos do que as gerações anteriores, mas uma coisa é certa: eles se expressam criativamente de forma muito diferente daquelas que seus pais usavam quando tinham a mesma idade. Muitos nativos digitais percebem que a informação é maleável, algo que podem controlar e reconfigurar de maneiras novas e interessantes. Como nos diz PALFREY (2011, p. 16),

“Eles conseguem ter certo controle sem precedente sobre seu ambiente cultural, que tenham ou não percepção disso”. Onde os nativos digitais conseguem aprender em um minuto como usar um novo software.

Esta geração digital, no máximo da criatividade, está criando mundos paralelos, podendo reelaborar as mídias, usando programas de computador produzidos em serie, de maneira que teria parecido impossível algumas poucas décadas atrás.

Os nativos digitais também estão descobrindo que passaram a se basear neste espaço conectado para virtualmente todas as informações que necessitam para viver suas vidas. Para tanto, não utilizam as bibliotecas, nem manuseiam catálogos. Para esta nova geração, pesquisar significa fazer uma busca no Google, eles simplesmente digitam um termo de busca e mergulham nele até encontrar o que querem. As maiorias dos Nativos Digitais não compram jornal, pois procuram por notícias de seus interesses em ambientes digitais.

Alguns aspectos da maneira como vivem os nativos digitais são motivos de preocupação. Por exemplo, as ideias em relação à privacidade muito diferente das gerações anteriores. Pois passam muito tempo nestes ambientes de conexão digital e acabam deixando mais vestígios de si mesmos nos locais públicos online, mostrando quem aspira ser e colocando seus *se/ves* mais criativos diante do mundo expondo informações que podem coloca-los em perigo, deixando rastros para os marqueteiros e pedófilos seguirem.

Os nativos digitais vão mover os mercados e transformar as indústrias, a educação e a política global. Estas mudanças podem ter um efeito imensamente positivo no mundo em que vivemos. De modo geral, a revolução digital já tornou este mundo um lugar melhor. E os nativos digitais têm todo o potencial e a capacidade para impulsionar muito mais a sociedade, de um sem números de maneiras- se deixar-nos. (DALFREY, John, 2011, p.17)

Coloca-se perante uma encruzilhada, onde há dois caminhos possíveis diante de nós ou destrói-se o que é ótimo na internet e na maneira como os jovens a utilizam, e outro em que se faz escolhas inteligentes e encaminha-se para um futuro

brilhante em uma era digital. As escolhas que faz-se agora vão reger a maneira como nossos filhos e netos vão moldar sua identidade, proteger sua privacidade e se manter em segurança; a maneira de criarem, entenderem e moldarem as informações que constituem a base da tomada de decisão de sua geração e a maneira como eles vão apreender, inovar e assumir responsabilidade como cidadãos.

A maneira como os nativos digitais estão usando e passando grande parte de seu tempo em ambientes digitais vem causando preocupações legítimas em pais, educadores e psicólogos. Pois, os jovens, digitalmente conectados estão correndo risco de serem dominados, onde poucas coisas são o que parece. Também, nesta perspectiva estão os professores que se preocupam com o fato de estarem em descompasso com seus alunos nativos digitais, que as habilidades que eles têm ensinado no passado estejam se tornando perdidas ou obsoletas e que a pedagogia de nosso sistema educacional não consiga se manter atualizada com as mudanças no panorama digital.

Nesta perspectiva, avalia-se as ameaças reais no contexto das oportunidades concretas. Neste sentido, os pais e educadores estão na linha de frente, tendo uma importante responsabilidade, um papel a desempenhar. Porém, os pais e professores, não se sentem envolvidos nas decisões que os jovens estão tomando, por isso, tendem a se isolar dos nativos digitais por que as barreiras de linguagens e culturais são muito grandes. Tornando-se necessário, que pais e professores interagem com esta geração passando seus valores e bom senso tradicionais que serviram bem a eles no passado e tenham grande ressonância também neste novo mundo.

Em vez de banir as tecnologias ou deixar suas crianças as usarem sozinhas em seus quartos - duas das abordagens mais comuns propostas- pais e professores precisam deixar os nativos digitais serem seus guias nesta maneira de viver, nova e conectada. Então, pode ter início a conversa. Para muitas das questões que surgem, o bom senso é uma resposta surpreendentemente boa. Para as outras, vamos precisar trabalhar juntos para encontrar soluções criativas. (DALFREY, John, 2011, p.21)

Neste sentido, pais e professores não precisam seguir isoladamente, mas ser companheiros dos nativos digitais, estando atentos ao mundo em que eles estão crescendo, as amizades que fazem a sua segurança. O simples fato de os nativos digitais não aprenderem as coisas da maneira que seus pais aprenderam não

significa que eles não estejam aprendendo. Na verdade, eles são bastante sofisticados na maneira como coletam, processam e criam informações, baseados no que aprendem e compartilham com os outros.

2.1 LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO: DIFERENCIAÇÕES, CONVERGÊNCIAS CONCEITUAIS E PERSPECTIVAS.

As instituições escolares têm como função social tornar os indivíduos não só alfabetizados, como letrados. Nestas perspectivas, há varias conceitos diferenciando os termos, onde o mais recente inclui o letramento digital.

Pode-se dizer que o conceito de letramento, numa perspectiva psicolinguística, é função da escola aprofundar a criança no mundo da escrita, tornando-a um cidadão funcionalmente letrado, isto é, um sujeito capaz de fazer uso da linguagem escrita para sua necessidade individual de crescer cognitivamente para atender as várias demandas de uma sociedade que prestigia esse tipo de linguagem como um dos instrumentos de comunicação.

Soares (2006) também propõe distinção entre alfabetização e letramento; esses processos são distintos, de naturezas essencialmente diferenciadas, embora interdependentes e indissociáveis.

A alfabetização traduz-se pelo ensino-aprendizagem restrito e limitado das habilidades básicas de leitura e de escrita, efetuando-se com limites claros e com pontos de progressão cumulativa definida objetivamente. Letramento, por sua vez, refere-se ao resultado do desenvolvimento da ação contínua, não linear, multidimensional e ilimitada, para além dessa aprendizagem básica do saber ler e escrever, adquirindo, desta forma, um grupo social ou um indivíduo inserido nas práticas de letramento escolar ou não, um novo estado ou uma nova condição “nos aspecto cultural, social, político, linguístico, psíquico” (SOARES, 2006 p. 39).

A luz destes conceitos, percebe-se cada vez mais, que é preciso repensar a alfabetização, rever metodologias e buscar a compreensão dos porquês e conviver com as angústias de reconhecer aquilo que ainda não sabemos. Visto que os conceitos de alfabetização se multiplicam e modificam com as transformações e exigências do mundo contemporâneo.

Neste contexto, ressalta-se que o sucesso na alfabetização exige a transformação da escola em ambiente alfabetizador, rico em estímulos que provoquem rotina de leitura e escrita, permitindo assim, compreender o

funcionamento desta possibilitando seu uso social, e forneçam elementos que desafiam o sujeito a pensar sobre a língua escrita.

Para Emília Ferreiro (2001), “as crianças são facilmente alfabetizáveis, os adultos é que dificultam o processo de alfabetização para elas”. Todo o aluno matriculado na escola regular é capaz de aprender a ler e tem o direito de fazê-lo com sucesso. A criança trás para a escola conhecimentos espontâneos sobre a língua escrita, decorrentes das informações recebidas do mundo letrado e digital em que vivemos, variando apenas de acordo com estímulos do meio social em que esta inserida. O processo de alfabetização inicia-se com um diagnostico destes conhecimentos, que serão referenciais para as atividades a serem propostas. Respeita-se assim, a criança como ser inteligente, ativo e criador, que pensa sobre o que a escrita representa e como funciona.

O tempo necessário para avançar de um nível para outro varia muito. A evolução pode ser facilitada pela atuação significativa do professor, sempre atento às necessidades observadas no desempenho de cada aluno, organizando atividades adequadas e colocando, oportunamente, os conflitos que conduzirão ao nível seguinte. O uso da metodologia contrastiva, permitindo que a criança confronte sua hipótese de escrita com a forma padrão são um importante recurso para a consolidação da escrita ortográfica.

A sistematização do processo de alfabetização se dará ao longo dos anos subsequentes. Na medida em que o aluno adquire segurança no contato prazeroso, contextualizado e significativo com a língua escrita, sua leitura torna-se mais fluente e compreensiva.

Dentre os vários conceitos de letramento, surge, entre os mais comentados, o letramento digital que ,segundo Lévy conceitua letramento digital como um conjunto de técnicas materiais e intelectuais, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do cyberspaço, como sendo um novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores (1996, p.17).

Uma vez que, estão inseridos numa sociedade do conhecimento, das informações, é difícil pensar a preparação de um individuo para os tempos atuais e futuros sem inserir no seu processo de ensino-aprendizagem os elementos que lhe permitam não só a compreensão, mas a interação, a criação e principalmente a autonomia desenvolvida com o uso das mídias digitais.

Os professores estão inseridos numa sociedade que vivencia uma nova era de avanços no campo educacional, político e econômico, e as novas tecnologias fazem parte dessa nova fase, pois as mesmas contribuem para que os indivíduos consigam produzir, desenvolver e aprimorar saberes. Sendo assim, observa-se que as Tecnologias da Informação e Comunicação têm favorecido o desenvolvimento do ser humano, de modo que a inclusão no mundo digital oportuniza ao sujeito experimentações, desafios e novas possibilidades de usos sociais da leitura e escrita.

3 METODOLOGIA

Com objetivo de demonstrar como os recursos digitais podem favorecer o processo de alfabetização e letramento e, ao mesmo tempo, discutir algumas dificuldades e desafios para o uso dessas tecnologias no campo educacional, utilizou-se uma metodologia de investigação qualitativa, fundamentada em uma análise explicativa, através de entrevista para que as professoras alfabetizadoras pudessem responder de forma descritiva.

A pesquisa de campo que embasa o trabalho foi desenvolvida com professoras alfabetizadoras dos 1º, 2º e 3º anos do ensino Fundamental de algumas escolas Estaduais da 20ª coordenadoria de Educação de Palmeira das Missões. As entrevistas com as professoras foram realizadas no primeiro semestre letivo deste ano de 2017, porém procurou-se alfabetizadoras com experiências de anos anteriores nestas classes de alfabetização.

Entre os questionamentos procurou-se levantar questionamentos sobre sua formação, seus desafios diante destes novos alunos que estão surgindo e as possibilidades e mudanças em sua prática pedagógica.

Professoras estas que procuram utilizar os recursos digitais no processo de alfabetização, uma vez que sentem motivação por parte dos alunos, observando melhor desempenho deste processo, porém muitas destas professoras se sentem desafiadas a buscar formação para o uso destas tecnologias.

4 APLICAÇÃO PRÁTICA

Neste estudo, entrevistou-se professoras alfabetizadoras da Rede Estadual do Rio Grande do Sul (20ª coordenadoria), a fim de avaliar o impacto das Tecnologias Digitais no processo de alfabetização, entre 1ª, 2ª e 3ª anos, contemplando o ciclo onde se consolida o processo de alfabetização.

Buscou-se informações que respondessem as indagações a cerca do uso das mídias digitais no processo de alfabetização, bem como, a utilização destas neste processo, ressaltando benefícios e dificuldades com a utilização em sala de aula. Com o objetivo de levantar possibilidade, bem como, acompanhar a trajetória destas mídias na evolução e transformação dos educandos.

Neste sentido, questionou-se sobre as mídias Digitais que consideravam importantes no processo de alfabetização, bem como, sua relevância para o processo de apropriação do sistema de escrita alfabético, onde as professoras demonstraram que procuram inserir em suas práticas a maior diversidade possível, uma vez que compreende que este processo precisa ser dinâmico, conforme segue a fala da professora A: “Penso que a alfabetização deve ser uma caminhada prazerosa e comprometida. Para isso procuro utilizar diferentes formas/recursos para o ensinar. Os recursos digitais contribuem muito nesse processo, principalmente na leitura/ escrita, raciocínio lógico.”

Constatou-se nesta análise avanços, dificuldades e desafios no que concerne à realização ao processo de aprendizagem da escrita em ambientes virtuais. Pois, como cita a Professora B: “Quando falamos em alfabetização podemos dizer que são muitos os recursos importantes para concretizar o processo. Considero importante os mecanismos de sons, imagens, letras associações, comparação e consolidação da escrita”.

Num segundo questionamento, buscou-se informações a cerca dos resultados obtidos com o uso dessas tecnologias na sala de alfabetização, onde constatou-se que os resultados eram positivos, uma vez que, as professoras ressaltaram que: *“A maioria das crianças tem acesso ao uso das mídias na sua casa, mas para muitos tudo ainda é novidade. Utilizo sites com jogos de alfabetização para que as crianças possam jogar. As mídias vieram para contribuir para o conhecimento e não só para o lazer.”*

Percebe-se, uma preocupação constante das professoras alfabetizadoras em contemplar todas as possibilidades de alfabetização e letramento, com utilização de todos os recursos disponíveis para o desenvolvimento das crianças neste processo, como podemos ver a professora B, Todo o recurso digital que se usa na alfabetização é importante, como jogos online, música, contação de história, livro digital (a criança lê e interage), aplicativos que a criança conecta imagem e som. Porém onde trabalho os recursos digitais são limitados não podendo utilizar a maioria desses recursos.

As tecnologias digitais estão proporcionando diversas facilidades que, mais cedo ou mais tarde, farão parte do repertório do cidadão da sociedade do conhecimento. É fundamental que esses letramentos sejam trabalhados na escola, ampliando as possibilidades de expressão dos aprendizes e permitindo que a sala de aula torne-se contemporânea dessa sociedade do conhecimento. “Todo o recurso digital que se usa na alfabetização é importante, como jogos online, livro digital (a criança lê e interage), aplicativos que a criança conecta imagem e som. Porém onde trabalho os recursos digitais são limitados não podendo utilizar a maioria desses recursos”. (Professora Alfabetizadora C)

Neste sentido, percebe-se que, mesmo com anos de experiência no processo de alfabetização, as professoras sentem-se desafiadas a buscar nas tecnologias digitais estímulos para desenvolvimento dos direitos de aprendizagens:

Faço uso do computador e mídias com som para ouvir músicas e histórias. Também utilizo o celular para tirar fotos, fazer gravações das atividades que eles desenvolvem e depois apresentá-las no Datashow para que eles possam visualizar. Sempre explico para eles como utilizo o material, como salvo as histórias no pen drive para depois mostrá-las, como procurar na internet um joguinho, uma palavrinha que tenho dúvida ao escrever... Eles adoram, são curiosos. (Professora A)

Neste sentido PRIMO (2007, p.86), coloca que, “o conhecimento é construído interativamente entre o sujeito e o objeto. À medida que o sujeito interage e sofre a ação do objeto, sua capacidade de conhecer se desenvolve, enquanto produz seu próprio conhecimento”. Percebe-se que, as professoras concordam com o autor, pois neste sentido coloca-se: “Tento utilizar tecnologias que possibilitam levar o educando interagir, socializar, raciocinar. Através do projetor Datashow passo contação de histórias, vídeos para determinados assuntos, no meu planejamento busco pesquisar atividades diversificadas”. (Professora C)

Houve uma época em que o lápis e o papel eram os utensílios disponíveis para escrever, tanto na escola como fora dela. Com o passar do tempo, as máquinas de datilografar, primeiro, e os computadores, depois, foram invadindo os mais diversos ambientes, mas não a sala de aula. Se equipamentos desse tipo fazem parte do dia a dia da maioria das pessoas, que os usam socialmente para redigir, não há porque ignorá-los em atividades de alfabetização. “Realmente, a minha geração de professores não é a das tecnologias. Fazemos parte de um período de transição. Então fomos aprendendo com cursinhos, por conta própria, pois atualmente não se imagina dar aulas sem ter o mínimo de conhecimento das tecnologias. E cada vez mais será feita através delas. Hoje não tem mais distância. É tudo muito virtual. E não podemos fugir disso. Ainda bem que mudou e facilitou muito a nossa vida profissional”. (Professora Alfabetizadora B)

Contudo, muitos desconhecem que o processo de alfabetizar pode se dá num contexto digital. Observa-se, na verdade, que este processo se configura de forma diferenciada em contextos. Enquanto a alfabetização num contexto escolar se preocupa, muitas vezes, em reproduzir o ensino do código, proporcionando um auxílio na interpretação destes sinais, a alfabetização em espaços digitais pode desenvolver a capacidade de aprendizagem da leitura e escrita dos indivíduos, desencadeando processos de ensino/aprendizagem cada vez mais interativos, dinâmicos e plurais, articulados ao contexto de uso da linguagem pelos sujeitos envolvidos. Neste sentido, as professoras alfabetizadoras estão atentas “Tento utilizar tecnologias que possibilitam levar o educando interagir, socializar, raciocinar”. (Professora C)

É preciso estar atento, porém, a um ponto: a presença da tecnologia não é garantia de aprendizagem. Não bastam laptops à disposição na sala, por exemplo, se eles só são usados para jogos - esses aplicativos certamente chamam a atenção da meninada, mas poucos proporcionam desafios e reflexões sobre a leitura e a escrita. Mesmo quem não sabe ler e escrever, acredite, pode enfrentar o computador em atividades com foco na alfabetização. Afinal, muitas crianças aprendem as letras em um teclado e todas podem usá-lo para grafar palavras da maneira que sabem, mesmo que não seja convencionalmente. Como citou a professora A: “A criança gosta muito de usar tecnologias. É muito atrativo e de grande valia. Ela descobre o contexto e vai agregando construção de conhecimento”.

Para FERREIRO os recursos tecnológicos não são a salvação para o déficit do conhecimento em leitura e escrita. Pois, segundo ela, no entanto, com a ajuda deles ocorrem práticas que levam à alfabetização "que corresponde ao nosso espaço e tempo". (2001, p.460), ela destaca algumas contribuições das tecnologias para o ensino: deixam mais acessível uma grande diversidade de textos (o que é essencial para alfabetizar), dão mais autonomia ao aluno (já que ele tem à disposição ferramentas que apontam falhas na escrita independentemente das indicações do professor, como corretores ortográficos) e reforçam a ideia de que professores ou livros didáticos não são a única fonte de informação.

A escola é um espaço social que tem como objetivo desenvolver as habilidades do indivíduo de forma plena, a fim de prepará-lo para o exercício da cidadania e, sobretudo, capacitá-lo para atuar no mercado de trabalho. A escola funciona, desse modo, como um elo entre o homem e a sociedade, pois é através dela que recebemos a educação necessária para estarmos vinculados a este círculo social: a sociedade. Observa-se, contudo, que a escola, em diversos momentos, não faz jus ao que lhe é proposto, de modo que ainda apresenta algumas deficiências e dificuldades frente ao cumprimento de seus objetivos.

Porém, percebe-se que as escolas não estão acompanhando os avanços tecnológicos, como nos coloca a Professora Alfabetizadora A, "Nossas escolas ainda são precárias no sentido tecnológico, os laboratórios de informática nem sempre dão suporte a toda demanda. Poucos computadores, ultrapassados, rede de internet com pouca potência, dificultando um trabalho de grupo com todos. Não temos monitor no laboratório para ajudar. Para conseguirmos realmente incluir a tecnologia na nossa prática de aula diária na sala de aula, ainda é necessário percorrer um longo caminho. Sabemos da importância de saber lidar/utilizar as mídias, mas uma formação para os professores nesta área seria válida".

Dentre tantas carências, destaca-se aqui o uso das tecnologias, uma vez que os laboratórios de informática de muitas escolas ficam fechados e/ou nem são visitados pelos alunos, deixando de ser uma ferramenta essencial no processo de aprendizagem dos estudantes e invalidando a possibilidade de reduzir a exclusão digital.

Outro fator decisivo na qualificação da prática pedagógica e, conseqüentemente do processo de alfabetização, é busca de acompanhamento e formação pela parte dos educadores, uma vez que estes tem papel decisivo na

mediação neste processo. Neste sentido, ressalto a importância da busca do educador pelo aperfeiçoamento de sua prática e quando questionadas quanto a sua formação para utilização das mídias no processo, as educadoras demonstraram que a curiosidade e a pesquisa fazem parte de suas rotinas pedagógicas: *“Gosto de buscar/investigar blogs de outras professoras os quais ajudam bastante no meu planejamento. Compartilho ações realizadas com minha turma. Faço uso de livros digitais que muitas vezes não é possível comprar. Não tenho formação específica em mídias, mas tento sempre usufruí-la da melhor maneira.”*

Como pode-se perceber, no decorrer do trabalho de pesquisa, as crianças não são mais as mesmas, os educadores tem consciência disto e posicionam-se em constante busca para sua auto formação, pois as mudanças sociais refletem nas escolas, transformando o processo de ensino e aprendizagem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alfabetização se faz necessária para que o indivíduo se sinta inserido num círculo social mais amplo. Do mesmo modo, a alfabetização digital é importante para que o sujeito consiga se enxergar como um participante “evoluído” no seu meio social, afinal a sociedade contemporânea vem sofrendo diversas transformações, e acompanhar esse processo de mudanças são – no imaginário social – estar inserido de forma satisfatória na sociedade.

Mas, olhar as transformações e evoluções sociais é perceber que as novas tecnologias fazem parte desta nova fase, e estar alfabetizado digitalmente, ou seja, manipulando de forma adequada as tecnologias da comunicação e informação, é sim corresponder corretamente ao uso dessas tecnologias.

A pesquisa de campo que embasa este trabalho visou alfabetizar e desenvolver nas crianças o contato com essas tecnologias, aprimorar os saberes e aperfeiçoar o ensino da língua portuguesa. Nesse sentido, destacou-se aqui que ainda há algumas adversidades, mas é preciso ressaltar que os avanços são contínuos e que há muitos desafios a serem alcançados.

Contribuindo de forma positiva para que a inserção digital e o uso adequado das tecnologias sejam colocados em prática no ambiente escolar. Diante de tantas concepções referentes à alfabetização, é necessário que nunca se perca de vista suas respectivas finalidades e, de forma gradual, é preciso desmistificar a ideia de

que a alfabetização ocorre apenas no contexto da sala de aula. É necessário, portanto, ampliar a ideia de alfabetização digital, pois em pleno século XXI muitos desconhecem que pode haver processo educativo no ambiente virtual. Sabe-se que esses estudos são recentes, mas compreendê-los como uma construção educativa é, sobretudo, entender as constantes mudanças sociais.

REFERÊNCIAS

COX, K. K. **Informática na Educação Escolar- Polemicas do Nosso Tempo**. 2ªEd.- Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

FERREIRO, E. **O Ingresso na Escrita e nas Culturas do Escrito**. 1ªed. São Paulo. Ed. Cortez, 2013.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre a alfabetização**. Tradução Horário Gonzales (et. al.). 24. Ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões da Nossa Época; v. 14).

LÉVY, P. **O que é virtual?** Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

PALFREY, J. **Nascidos na Era Digital: entendendo a primeira geração de Nativos Digitais**. Tradução: Magda França Lopes; Revisão Técnica: Paulo Gileno Cysneiros. Porto Alegre, 2011.

PRIMO, A.; BRAMBILLA, A. M. **Social Software e construção do conhecimento**. Redes Com, Espanha, 2007.

PRIMO, A. **Interação mediada por computador- comunicação- cibercultura- cognição**. Porto Alegre: 2ª Ed., sulina, 2008.

MARTÍ, E. **Aprender com ordenadores em la escuela**. Coleção Cuadernos de Educación. Barcelona: Editorial Horsori – Universitat de Barcelona, 1992.

MORAN, J. M. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica** – Editora Papyrus – Brasil – 2000 – 15ª edição.

SOARES, M. B. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

TFOUNI, L. **Letramento e Alfabetização**. 8. Ed. São Paulo: Cortez, 2006. (Coleção Questões da Nossa Época; v. 47).

VALENTE, J. A. **Tecnologia Educacional. Descubra Suas Possibilidades na Sala de Aula**. 7^a ed. Ed. Vozes, 2011.

APÊNDICE

APÊNDICE A – ENTREVISTA

Entrevista com as Professoras Alfabetizadoras

- 1- Quais os recursos digitais que você considera importante à utilização na alfabetização?
- 2-Quais as tecnologias que você mais utiliza e quais as aprendizagens que considera relevantes no uso destas?
- 3- Quais os resultados que obteve em sua prática após o uso desta tecnologia?
- 4- Você alfabetizou antes das tecnologias digitais? Como era? Ressalte pontos relevantes desta transformação.
- 5-Quais as tecnologias que, em sua prática, não atingiram objetivos almejados?
- 6- Qual a sua formação para utilização das mídias? Onde buscou esta formação?